

Prefácio

Por Nelson Ribeiro

Diretor da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa

Investigador principal do projeto BiPE – Broadcasting in the Portuguese Empire

A rádio desempenhou um papel central na construção de identidades nacionais e imperiais, sobretudo no período compreendido entre o final dos anos 20 e a afirmação da televisão como um *médium* de comunicação de massas. No caso português, a rádio foi o principal meio de comunicação pública durante todo o salazarismo, tendo-lhe competido a disseminação de uma ideia de portugalidade, tanto na metrópole como nas colónias. Tal como Rogério Santos demonstra, nesta obra, compreender a rádio no império português, tanto as emissões produzidas em Lisboa, como as que tinham lugar nas colónias, é um exercício central para se entender o colonialismo do Estado Novo e o modo como este se projetava junto de diferentes públicos.

Tratando-se de um livro sobre a história da radiodifusão em Angola até à criação do novo estado independente, *A Rádio Colonial em Angola – Festas e Rifas para Comprar o Emissor* não deixa de mostrar as interligações existentes entre as estações angolanas e as de outras colónias, com destaque para São Tomé e Príncipe e Moçambique, sem esquecer a relação com a Emissora Nacional, que o autor considera a epítome do modelo de rádio nacionalista. Tal como demonstra convincentemente, as emissões produzidas em Lisboa procuravam disseminar o colonialismo em Angola (bem como nos outros territórios ultramarinos), sendo escutadas pela elite colonial branca que sintonizava igualmente as estações que emergiram nas principais cidades angolanas, onde desempenhavam a função de verdadeiros centros culturais através das emissões de rádio e da promoção de uma panóplia alargada de atividades culturais ligadas à música, à literatura e a outras expressões artísticas. De entre as razões que mais motivavam os colonos à escuta da rádio, Rogério Santos destaca o que apelida de “mercado de saudade” – um conceito central na obra – definido como a transmissão e receção de conteúdos de cariz emocional e nostálgico.

Ao contrário da Emissora Nacional e da Emissora Oficial de Angola, as outras estações nascidas em território angolano ecoavam uma identidade híbrida, em que elementos de portugalidade e angolanidade se cruzavam. Os sons e as expressões culturais angolanas chegam à rádio primeiro em programas produzidos por Sebastião Coelho e depois, de modo mais sistemático, a partir de 1968 nas emissões da Voz de Angola, a única estação a dedicar-se em exclusivo à transmissão em línguas africanas. Tal com Rogério Santos demonstra, são estes programas que vêm alterar uma das principais características da rádio em Angola nas décadas de 30 e 40: o total alheamento da população africana e das expressões culturais por esta produzidas.

Enquanto autores como Michele Hilmes (1999) e Susan Douglas (2004) demonstraram como a rádio funcionou, na primeira do século XX, como um poderoso instrumento de construção do sentimento de nação, permitindo à população dispersa no espaço nacional ter acesso aos mesmos conteúdos e partilhar os mesmos símbolos, outros, como Simon Potter (2012) e Vincent Kuitenbrouwer (2016), analisaram como o meio sonoro foi utilizado para a construção da ideia de império junto dos expatriados. Nesta esteira, o trabalho de Rogério Santos mostra como, no caso de Angola, a rádio desempenhou uma função difusa e muitas vezes contraditória. Se, por um lado, ecoou o colonialismo português, abriu igualmente espaço para uma sonoridade angolana, funcionando como um instrumento de mestiçagem cultural.

Uma das dimensões do livro que mais irá surpreender os leitores é a articulação do cenário radiofónico em Angola com a situação na metrópole e noutras colónias, o que em muito se deve ao profundo conhecimento do autor sobre a história da rádio em Portugal e as políticas de radiodifusão implementadas pela ditadura, tanto durante o consultado de Oliveira Salazar como de Marcello Caetano. Efetivamente, Rogério Santos é o autor que mais tem investigado e escrito sobre a história do meio sonoro em Portugal (e agora no seu império), sendo as suas obras hoje instrumentos de consulta obrigatória para quem pretende compreender o papel da rádio durante o Estado Novo.

Além de propor uma periodização da história da rádio em Angola, um instrumento valioso para investigações futuras, *A Rádio Colonial em Angola – Festas e Rifas para Comprar o Emissor* debruça-se sobre os vários tipos de instituições radiofónicas que emergiram na colónia – rádios-clubes, estações comerciais e estações estatais – e as suas relações com o poder político, detalhando igualmente dimensões técnicas, económicas, de programação e de receção. Oferece também dados valiosos sobre o percurso de diversos profissionais

da rádio, alguns dos quais viriam a assumir lugares de destaque no panorama mediático em Portugal após o 25 de abril. Contudo, o livro está longe de ser uma obra contida na análise das diversas facetas ou características da rádio, mas antes demonstra como esta esteve envolvida em projetos de recolha etnográfica, no desenvolvimento da produção discográfica e do mercado publicitário e na promoção da ida de artistas portugueses e estrangeiros a Angola. Ou seja, ao invés de olhar para a rádio sob uma lente restritiva, o que Rogério Santos nos propõe é que pensemos o meio sonoro no contexto de uma atividade cultural diversa que, entre os anos 30 e 70, se desenvolveu, em grande medida, em redor das emissoras radiofónicas, promovendo identidades e projetando uma hierarquia de valores simbólicos.

Baseado num conjunto alargado de fontes escritas e orais, a obra começa por enquadrar a radiodifusão em Angola na política colonial da ditadura, mostrando como o meio sonoro adquiriu uma importância acrescida para o regime após a revogação do Ato Colonial, quando Portugal procurava demonstrar à comunidade internacional que – além de não ter colónias, mas antes províncias ultramarinas – estava verdadeiramente empenhado no desenvolvimento dos territórios sob sua administração. O meio ganharia, contudo, uma centralidade ainda maior como instrumento de disputa política após o início da guerra colonial durante a qual tanto o Estado Novo como os movimentos de libertação se socorreram das ondas hertzianas para a difusão de propaganda pró e anticolonial. Neste contexto, são analisadas não apenas as estações controladas pela população branca, mas também os programas emitidos, a partir do estrangeiro, pelos movimentos independentistas, com destaque para *Angola Combatente* produzido pelo MPLA. Talvez mais original ainda é o modo como revela que as próprias estações controladas pelo governo colonial foram utilizadas para a transmissão de mensagens codificadas, em particular as transmissões da *Voz de Angola* em línguas africanas, mostrando como um mesmo meio de comunicação pode ser utilizado por diferentes agentes como palco de luta política.

O material inédito apresentado no livro permite uma reflexão sobre o modo como a radiodifusão reproduziu as desigualdades existentes nas sociedades coloniais tardias. De igual modo, a obra potencia a reflexão sobre o uso dos meios de comunicação como armas de guerra psicológica, o que é certamente merecedor de maior investigação no contexto das guerras de libertação em África.

Termino felicitando o autor por mais este contributo para a história da rádio e das indústrias culturais que encontraram no meio sonoro um aliado para a sua promoção, formulando votos para que este livro, produzido no âmbito do projeto *Broadcasting in the Portuguese Empire: Colonialism, Nationalism, Identity*, seja o primeiro de várias obras que ajudem a compreender o papel da rádio na criação de identidades no império português.

Numa nota pessoal, gostaria ainda de expressar a felicidade que tenho tido em discutir ideias com o Professor Rogério Santos desde que tive a felicidade de o conhecer na Universidade Católica Portuguesa em 2002. Ler este livro permitiu-me continuar esse diálogo, através da mediação operada pelo texto, o que me permitiu repensar e complexificar a minha visão sobre a rádio no Império português.

Referências

Douglas, Susan (2004). *Listening In: Radio and the American Imagination*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Hilmes, Michele (1999). *Radio Voices: American Broadcasting, 1922-1952*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Kuitenbrouwer, Vincent (2016). “Radio as a Tool of Empire. Intercontinental Broadcasting from the Netherlands to the Dutch East Indies in the 1920s and 1930s”, *Itinerario* 40: 83-103.

Potter, Simon J. (2012). *Broadcasting Empire: The BBC and the British World, 1922-1970*. Oxford: Oxford University Press.